



“Em vida, morte, te sei”: olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea (séculos XX-XXI)

“In life, death, I know you”: *Interdisciplinary Perspectives on Finitude in Contemporaneity (20th and 21st Centuries)*

“En la vida, muerte, sé de ti”: *Perspectivas interdisciplinarias sobre la finitud contemporánea (Siglos XX y XXI)*

Maristela Carneiro¹

ID [0000-0002-6335-7379](#)

Frederico Tadeu Gondim²

ID [0000-0003-1223-7825](#)

XXIX

*Te sei. Em vida
Provei teu gosto.
Perda, partidas
Memória, pó*

*Com a boca viva provei
Teu gosto, teu sumo grosso.
Em vida, morte, te sei.*

Hilda Hilst (2003)

A morte não se resume a um evento biológico; pelo tempo e espaço, ela é culturalmente ressignificada, considerando os elementos simbólicos que permeiam as negociações em torno desse tema e criam convenções a serem incorporadas ou rechaçadas. Nesse mesmo sentido, a morte repercute coletivamente, não se restringindo ao fenecimento do corpo individual até o instante derradeiro (Rodrigues, 2006; Ariès, 2014). Dessa maneira, ela abre um campo fértil aos debates interdisciplinares, instigando escolhas teórico-metodológicas distintas, que se beneficiam da própria pluralidade de práticas e representações que reelaboram o fenômeno em questão.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação e Artes e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Lattes: [8461204091007488](#) - E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás - UFG. Lattes: [9126530307046079](#) - E-mail: fredericotdg@gmail.com.

Basta uma rápida consulta aos grupos de pesquisa atualmente certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para verificar que a morte, há muito, já não é interesse exclusivo das ciências da saúde, mas passou a ser estudada por múltiplos campos de conhecimento, dentre os quais Arqueologia, Antropologia, Direito, História e Letras. À maneira do médico e sociólogo Allan Kellehear (2016, p. 15), morrer é mais que um último suspiro: “Para você e para mim, esse não é o ‘morrer’ que observamos e vivenciamos como pessoas. Não é o ‘morrer’ que vemos, acariciamos e com o qual conversamos”.

Ao publicar *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*, onde discute os recentes comportamentos sociais com relação à morte e ao morrer, em especial o tratamento recebido pelos moribundos na atualidade, o sociólogo alemão Norbert Elias (2001) já observou que a morte é um problema dos vivos. Para Almeida (2007, p. 11): “Elias esclarece que o incômodo do ser humano, não é a morte como um fato em si, mas a consciência da certeza dela, ou seja, morrer não é difícil, o que torna penoso é saber que vai acontecer num dia qualquer e não há a possibilidade de controle sobre este evento”.

Os “recalcamentos” ligados à morte – termo utilizado por Elias, variam em intensidade, dependendo de diversos marcadores identitários e culturais, como gênero, classe, raça, território e religião, entre outros (Carneiro, 2011, p. 7). Os conflitos pessoais relacionados ao recalcamento da ideia de morte estão diretamente conectados à problemas sociais específicos, como a constituição de uma sociedade do cansaço, marcada pela depressão climática e pela necropolítica. Além disso, as mudanças nas atitudes sociais diante da morte refletem um aspecto do processo civilizador mais amplo.

Porém, desde então, o crescente trabalho de pesquisa e divulgação promovidos pelos pesquisadores e associados em rede tem feito muita diferença. Tratamos como por exemplo associações nacionais como a *Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*, coletivos regionais como a *Association for Gravestone Studies*, sediada em Greenfield, Massachusetts; grupos de pesquisa que extrapolam fronteiras nacionais, como *Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano* e *Red Iberoamericana de Gestión y Valoración de Cementerios Patrimoniales*, ambos latino-americanos, e *Association of Significant Cemeteries in Europe*, que possui uma rota que inclui mais de sessenta cidades e seus cemitérios.

Paulatinamente podemos afirmar que o interesse nos estudos sobre morte e cemitérios tem sido ampliado e transformado. Atualmente, tornou-se comum questionar as ideias que definiram os estudos na segunda metade do século XX e o chamado “tabu da morte”. Com a expansão de eventos, projetos de pesquisa e práticas sobre o tema, observa-se que as pessoas passaram a naturalizar sua relação com a finitude, demonstrando menos estranheza ao abordar questões funerárias.

Atualmente na liderança do referido grupo de pesquisa do CNPq *Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano*, a historiadora Cláudia Rodrigues (Unirio) pontuou em entrevista recente à *Revista Pesquisa FAPESP* que o interesse pelos Estudos da Morte, no Brasil, teve como um de seus notáveis precursores Clarival do Prado Valladares, cuja investigação iniciada na década de 1960 rendeu a publicação de *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*, em 1972 (Orlandi, 2023). A partir de então, seja no âmbito dos Programas de Pós-graduação, seja de forma independente e por meio da iniciativa dos próprios pesquisadores, capítulos, livros, guias turísticos, teses, dissertações, artigos, bancos de dados e perfis nas redes sociais têm se multiplicado. O grupo de pesquisa *Imagens da Morte*, por exemplo, é também responsável por organizar um dos eventos mais representativos acerca do tema na atualidade, o *Congreso Internacional Imágenes de la Muerte*, além de publicar o periódico científico interdisciplinar *Revista M.*

Outra iniciativa que merece destaque é a recente publicação do *Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer*, organizada pelos pesquisadores Mara Regina do Nascimento & Mauro Dilmann, concebido em um primeiro momento como projeto de pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, e após finalizada graças ao financiamento público da Universidade Federal de Pelotas. O guia foi concebido para reunir didaticamente pequenos verbetes críticos, de teor histórico e conceitual, para uso na Educação Básica, sem deixar de lado “[...] textos de referência cujas problematizações carregam os anseios analíticos contemporâneos das ciências sociais e humanas sobre a temática da morte” (Nascimento & Dilmann, 2022, p. 8).

Nesse contexto, o presente dossiê nasceu de um desejo destes dois integrantes do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (NEC), grupo de pesquisa do CNPq vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT): contribuir com a discussão acerca da morte e

do morrer na contemporaneidade. Sem perder de vista as obras mais tradicionais que se debruçaram e ainda seguem chamando atenção sobre o medo, o isolamento e a vergonha daqueles que a sabiam iminente (Vovelle, 1997; Ariès, 2014), sabemos, na esteira de autores como Jacobsen (2020), que outros aspectos da morte, a exemplo do mercadológico, vêm ganhando espaço e despertando a curiosidade de meros interessados à consumidores contumazes e se tornando alvo das discussões mais recentes, que levam em conta as tecnologias que mediam hoje as nossas relações. Além disso, chama atenção a criatividade nas formas de processar o luto e a morte dos entes queridos, que rompem com tratamentos mais tradicionais e constroem pontes para processar o luto. No Brasil, uma das pesquisas precursoras, nesse sentido, foi a dissertação de Mestrado de Júlia Tomasi, desenvolvida junto à Universidade do Estado de Santa Catarina em 2013, “*Eternamente Off-line*”: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011).

Novas indagações de cunho ético e existencial vêm à tona, conforme se verá na leitura dos trabalhos que compõem este dossiê. Às resistências históricas diante das mudanças de atitudes perante a morte e o morrer já consagradas na historiografia brasileira, como o caso da Cemiterada do século XIX na Bahia, recontada na obra *A morte é uma festa* (1991) de João José Reis, somam-se agora incômodos de nosso tempo, a exemplo da “ressurreição” de celebridades por meio da inteligência artificial, com fins mercadológicos, como ocorreu com Elis Regina em uma publicidade de automóvel que “atropelava”, inclusive, posicionamentos adotados em vida pela artista (Hailer, 2023).

Percorrendo ideias que se aproximam umas das outras, ao lado de outras que se interessam juntamente pelo que diverge, vemos coexistirem leituras sobre a morte derradeira, em um mundo cada vez mais complexo, que ainda preserva tabus ao lado da espetacularização da morte. Convidamos o público interessado à reflexão a partir dos 18 artigos que lançam mão de caminhos teórico-metodológicos diversos.

Mortes que não importam: a omissão do Estado e o uso político da dor animal no ativismo digital brasileiro, de Danusa Balthazar de Andrade & Maristela Carneiro, examina como a omissão estatal e a espetacularização do sofrimento animal nas redes reforça um modelo de pensamento necropolítico, tecendo uma análise crítica das políticas públicas, práticas institucionalizadas de extermínio e das economias do afeto e da atenção construídas em torno das vidas não-humanas.

Levados nas redes da memória: narrativas sobre os cortejos fúnebres da zona rural de Pinheiro – Maranhão, de Julyana Cabral Araujo, investiga, empregando como método a História Oral, como memórias e narrativas locais sobre velórios e cortejos – especialmente o uso das redes para transportar defuntos – revelam modos de viver, identidades comunitárias e temporalidades múltiplas na Baixada Maranhense. Ao combinar relatos de moradores, análise dos ritos e reflexão teórica sobre memória e espaço, a autora mostra a ambivalência dos ritos funerários: dor, festa e pertencimento.

Despedidas póstumas: reflexiones antropológicas sobre muertes en la era digital, de Silvia Laura Carlini Comerci, discute, a partir de uma perspectiva antropológica e por meio de netnografia, como a digitalização reconfigura ritos funerários, lutos e memórias: plataformas digitais, cemitérios digitais e interfaces mediadas por algoritmos ampliam a visibilidade do luto, transformam despedidas em práticas públicas e geram novas formas coletivas de manutenção do vínculo com os mortos, ao mesmo tempo em que desafiam categorias tradicionais de presença, ausência e ritual.

Em uma linha semelhante, *Eternal Scroll e a presença do luto nas Redes Sociais: desafios da finitude no século XXI*, de Márden Cardoso Miranda Hott & Amanda Márcia dos Santos Reinaldo, nos coloca diante de uma das tensões mais agudas da modernidade digital: como viver a perda quando a presença do ausente persiste em telas que não param de girar. Já em *Codificar a Ausência: morte, experiência e algoritmos*, de Pedro Pinto de Oliveira & Marcelo Almeida Duarte, por sua vez, investiga-se como a dataficação e o avanço quântico das IAs reorganizam a experiência da morte alheia, a partir do caso de Joshua, que usou o *Project December* para conversar com sua noiva morta.

O tema da morte na era digital encontra ecos em *Curtindo a morte: interações de usuários com notícias que veiculam óbitos na internet*, de Elisa Gonçalves Rodrigues & João Marcelo Silva de Oliveira, que analisa, empregando netnografia, como reações e emojis no Facebook mediam luto e engajamento diante de notícias de óbito, revelando *cibermutirões*, hierarquias emocionais e desigualdade de visibilidade nas mortes publicizadas, além de discutir implicações culturais, tecnológicas e éticas do necro-engajamento online. Já em *Morte espetáculo: inação moral e consumo da violência na sociedade sinóptica*, de Antonio Hot Pereira de Faria, que examina como a cultura digital e a sociedade sinóptica transformam a violência e a morte em espetáculo: imagens brutais tornam-se mercadorias simbólicas



Maristela Carneiro & Frederico Tadeu Gondim

“Em vida, morte, te sei”:

olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea (séculos XX-XXI)

amplificadas por algoritmos, produzindo dessensibilização, dissolução da intimidade, inação moral e uma legitimação política do medo.

Ainda dentro do grande tópico das relações entre morte e cultura digital, *Aprendendo com os mortos: uma análise do necrosimulacro de Agatha Christie do curso de escrita criativa da BBC Maestro*, de Jaimeson Machado Garcia & Priscila Gonçalves Magossi, observa como a recriação digital da autora falecida Agatha Christie, reativada como instrutora no curso *Agatha Christie: Writing*, inaugura um novo regime simbólico da morte na cultura digital. Ao combinar análise da encenação audiovisual, reflexão teórica sobre o conceito de simulacro e discussão das implicações éticas, culturais, jurídicas e mercadológicas dessa prática, Garcia & Magossi traçam uma cartografia crítica do colapso da finitude como limite simbólico e sobre os riscos de transformar a ausência em produto contínuo.

Corpos que resistem à finitude: envelhecimento transexual, exclusão e tecnologias da memória no século XXI, de Elis Alves dos Santos, examina, por sua vez, o envelhecimento de pessoas transexuais como processo de exclusão social e simbólica. A partir da websérie LGBT+60 e de netnografia, mostra como mídias digitais funcionam como tecnologias de memória e resistência, evidenciando invisibilidade, violências institucionais e demandas por reconhecimento.

Morrer aos 40, morrer ainda menina: Clara Nunes, mídia e finitude no Rio de Janeiro urbano (1983), de Maria de Fátima Rocha da Fonseca reconstrói como os 28 dias de coma e a morte prematura de Clara Nunes em 1983, amplamente cobertos por jornais, rádios e telejornais, expuseram ao grande público a rotina e a linguagem dos Centros de Terapia Intensiva e inauguraram novas formas sociais de morrer e de luto no Brasil urbano. A partir da análise de imprensa, memórias e fontes médicas, Fonseca problematiza a tensa interseção entre avanços da medicina, a expectativa crescente de longevidade e a emergência do conceito de “morte prematura” em meio à crescente midiatisação da sociedade.

Em *Objetos Parlantes: el tenue resonar de los objetos cotidianos*, Rosa Inés Padilla, investiga a agência dos objetos de pessoas falecidas e quem os custodia, discutindo por que preservar essas memórias importa para a construção da memória. Por meio da análise de entrevistas e fotografias, a autora explora como a existência humana se traduz vestígios

materiais na forma dos objetos, como se constrói a memória familiar e coletiva, e como gênero e performance aparecem nos relatos e rituais funerários.

Ainda sobre o tema da interseção entre morte, família e sociedade, *Morreu de quê? A morte como familiar e a construção social do falecer*, de Tatiana Guimarães Sardinha Pereira, examina como a causa mortis molda a (in)completude da partida e como a percepção da morte é um constructo social. O artigo analisa mortes naturais e violentas, seus significados, impactos sobre familiares e comunidades, rituais, estigmas e a busca por justiça, discutindo como tipos de óbito reestruturam identidades, laços e práticas de luto, enfatizando a importância do contexto social na compreensão da morte.

Do Silêncio ao Gesto: caminhos contemporâneos de luto e memória em um caso de morte violenta em Vitória (ES), de Paloma Barcelos Teixeira, por sua vez, analisa, a partir do assassinato de Breno Rezende, em Vitória, em 15 de março de 2025, como manifestações públicas (memoriais espontâneos, protestos) e corporais (tatuagens memoriais) externalizam o luto, transformam o local do crime em território de memória e articulam dor, denúncia e pedido de justiça.

Tratando da perpetuação das invisibilidades que marcam a vida social no domínio dos mortos, *A Quadra 8A e o Lugar da Morte na Estratificação Social Contemporânea*, de Daniela Veloso de Abreu e Matos & Wellington Teodoro da Silva, analisa a gestão estatal da morte anônima em Belo Horizonte, usando a quadra 8A do Cemitério da Paz como paradigma. A investigação argumenta que um modelo de necropolítica e necrogovernamentalidade, via burocracia e desorganização informacional, invisibilizam corpos não identificados, perpetua a exclusão social após a morte.

Enquanto isso, em “*A gente combinamos de não morrer*”: corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus, Ellen Nicolau propõe que museus, especialmente os de anatomia, vivem tensão entre silêncio e exposição da morte: corpos são frequentemente coisificados e descontextualizados, defendendo a transformação destes espaços em arenas críticas que integrem ciência, ética e história.

A arte de contar histórias sobre vida e morte na mediação com pessoas idosas, de Pedro Lucas Oliveira da Silva & Denise Stefanoni Combinato, envolve um estudo com cinco idosos a partir de grupos focais, ancorado na Psicologia Histórico-Cultural, por meio da

contação da narrativa *O Pato, a Morte e a Tulipa*, incentivando reflexões sobre “morte em vida”, mortes cotidianas e desigualdades sociais.

Este dossiê inclui também imersões em trabalhos artísticos que lidam com a finitude e seus desdobramentos. *Retratos de violência extrema: o gore e o snuff na obra de Roberto Bolaño*, de Talita Jordina Rodrigues, analisa como a prosa de Roberto Bolaño incorpora referências ao cinema, fotografia e artes visuais para representar violência extrema, focando nos empréstimos estéticos dos filmes *gore* e dos vídeos *snuff*, e suas correspondências em imagens fotográficas e plásticas, para entender como esses dispositivos intensificam a presença do horror e reconfiguram sentidos da violência na obra do autor.

Já *Tunga e a poética da (in)finitude: reflexões sobre morte no jogo das artes visuais*, de Vanessa Seves Deister de Sousa, analisa a poética de Tunga para refletir sobre a finitude, focando a foto-performance *Semeando Sereias*, propondo uma leitura dupla, enquanto “jogo poético” performático e como imagem fotográfica contingente, discutindo desafios metodológicos e interdisciplinares na pesquisa da morte nas artes visuais. *Dona Xepa (1959): a mulher “autêntica” e do povo brasileiro*, artigo livre de Nadia Maria Guariza, analisa a transposição da peça de Pedro Bloch para o filme *Dona Xepa*, de 1959, e o papel da atriz Alda Garrido na construção caricata da personagem, investigando a intermidialidade entre teatro, cinema e televisão ao fim da década de 1950.

Por fim, destacamos aqui *Uma precursora nos estudos da arte funerária no Brasil*, entrevista realizada por Frederico Tadeu Gondim & Maristela Carneiro com a professora Maria Elizia Borges, que trata de seu papel como pioneira nos estudos da arte funerária brasileira, sua atuação acadêmica, os focos de sua pesquisa – marmoristas, iconografia religiosa, turismo cemiterial – e as mudanças na recepção dos cemitérios após a pandemia e crescimento de guias de visitação. Borges fala sobre todo o terreno que ainda pode ser coberto em termos de ampliação de levantamentos e educação pública sobre memória e o valor artístico e histórico dos espaços cemiteriais.

Esperamos ter evidenciado que este dossiê reúne uma amplitude de olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea, e os convidamos a apreciar a leitura permitindo que cada artigo encoraje perguntas, desperte memórias e amplie sua compreensão sobre vida, morte e memória. Que os textos aqui reunidos sirvam tanto como convite à



Maristela Carneiro & Frederico Tadeu Gondim

“Em vida, morte, te sei”:

olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea (séculos XX-XXI)

contemplação quanto como impulso para debates e práticas acadêmicas e sociais aos que desejam aprofundar-se, partilhar e renovar o diálogo sobre um tema que toca a todos nós.

Referências

Almeida, M. das G. Morte, Cultura, **Memória múltiplas interseções**: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Tese (Doutorado em História), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

Andrade, Danusa Balthazar de & Carneiro, Maristela. “Mortes que não importam”: a omissão do Estado e o uso político da dor animal no ativismo digital brasileiro. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Araujo, Julyana Cabral. Levados nas redes da memória: narrativas sobre os cortejos fúnebres da zona rural de Pinheiro - Maranhão. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Ariès, Philippe. **O homem diante da morte**. Trad. de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Borges, Maria Elizia. **Um passeio pelos cemitérios do Brasil**. Ilustrações de Semíramis Paterno. Ribeirão Preto: Semi Artes e Edições, 2022.

Carneiro, Maristela. Dos primeiros estudos franceses às redes: breve percurso histórico das pesquisas sobre a morte e os cemitérios – o caso das Associações de Pesquisa. In: XXVI Simpósio Nacional da Associação Nacional de História. São Paulo: **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH**, 2011.

Comerci, Silvia Laura Carlini. Despedidas póstumas: reflexões antropológicas sobre muertes en la era digital. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Elias, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Faria, Antonio Hot Pereira de. Morte espetáculo: inação moral e consumo da violência na sociedade sinóptica. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Fonseca, Maria de Fatima Rocha da. Morrer aos 40, morrer ainda menina: Clara Nunes, mídia e finitude no Rio de Janeiro urbano (1983). **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Garcia, Jaimeson Machado & Magossi, Priscila Gonçalves. Aprendendo com os mortos: uma análise do necrosimulacro de Agatha Christie do curso de escrita criativa da BBC Maestro. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.



Maristela Carneiro & Frederico Tadeu Gondim

“Em vida, morte, te sei”:

olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea (séculos XX-XXI)

Guariza, Nadia Maria. Dona Xepa (1959): a mulher “autêntica” e do povo brasileiro. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Hailer, Marcelo. Por que eu odiei a campanha da Volkswagen com a Elis Regina e Maria Rita. **Revista Fórum**, 2023. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br>>. Acesso: 10/02/2024.

Han, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Hilst, Hilda. **Da morte**. Odes mínimas. São Paulo: Globo, 2003.

Hott, Márden Cardoso Miranda & Reinaldo, Amanda Márcia dos Santos. Eternal Scroll e a presença do luto nas Redes Sociais: desafios da finitude no século XXI. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Jacobsen, Michael Hviid (Ed.). **The Age of Spectacular Death**. London: Routledge, 2020.

Kellehear, Allan. **Uma história social do morrer**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

Matos Daniela Veloso de Abreu e & Silva, Wellington Teodoro da. A Quadra 8A e o Lugar da Morte na Estratificação Social Contemporânea. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

Nascimento, Mara Regina do & Dillmann, Mauro (org.). **Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer**. Porto Alegre: Casaletras, 2022.

Nicolau, Ellen. “A gente combinamos de não morrer”: corpo, imagem e disputa de sentidos da morte nos museus. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Orlandi, Ana Paula. Precisamos falar sobre a morte. **Revista Pesquisa FAPESP**, ano 24, n. 327, p. 84-87, 2023.

Oliveira, Pedro Pinto de & Duarte, Marcelo Almeida. Codificar a Ausência: morte, experiência e algoritmos. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Padilla, Rosa Inés. Objetos Parlantes: el tenue resonar de los objetos cotidianos. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Pereira, Tatiana Guimarães Sardinha. Morreu de quê? A morte como familiar e a construção social do falecer. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Reis, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX. 7ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



Maristela Carneiro & Frederico Tadeu Gondim

“Em vida, morte, te sei”:

olhares interdisciplinares sobre a finitude contemporânea (séculos XX-XXI)

Rodrigues, Elisa Gonçalves & Oliveira. João Marcelo Silva de. Curtindo a morte: interações de usuários com notícias que veiculam óbitos na internet. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Rodrigues, José Carlos. **Tabu da morte**. 2. Ed.Rev. 2a. Reimp. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

Rodrigues, Talita Jordina. Retratos de violência extrema: o gore e o snuff na obra de Roberto Bolaño. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Santos, Elis Alves dos. Corpos que resistem à finitude: envelhecimento transexual, exclusão e tecnologias da memória no século XXI. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Silva, Pedro Lucas Oliveira da & Combinato, Denise Stefanoni. A arte de contar histórias sobre vida e morte na mediação com pessoas idosas. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Sousa, Vanessa Seves Deister de. Tunga e a poética da (in)finitude: reflexões sobre morte no jogo das artes visuais. **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Teixeira, Paloma Barcelos. Do Silêncio ao Gesto: caminhos contemporâneos de luto e memória em um caso de morte violenta em Vitória (ES). **Rev. Tempo, Espaço e Linguagem - TEL**, v. 16, nº. 2, 2025.

Vovelle, Michel. **Imagens e Imaginário na História**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

Submetido em: 16 de novembro de 2025

Avaliado em: 17 de novembro de 2025

Aceito em: 18 de novembro de 2025